

# GENEALOGIA DO TEMPO<sup>1</sup> E PSICANÁLISE

*Nahman Armony*

Estamos em crise. O meio-ambiente se deteriora, o homem se estressa, a família se dissolve, os valores se transformam; tudo e todos est\_o em crise. O terrível sofrimento gerado por esta crise provoca indagações: que crise é esta? de onde surge? para que serve? Por quê tanta perplexidade e dor? Desvairadamente giro minha cabeça em todas as direções, percorrendo os 360 graus do espaço e do tempo, em busca do lenitivo de um entendimento. Em um destes movimentos meu olhar é capturado por uma genealogia que fala do abalo que vem sofrendo o fundamento sujeito/verdade, criado há mais de 24 séculos. Fundamento que é uma estratégia sem estrategista e que através de seus efeitos à distância permitiu ao mundo adquirir a fisionomia atual: um desenvolvimento científico responsável por uma incrível cultura tecnológica, por um extraordinário controle e poder do homem sobre a natureza, mas trazendo em seu bojo um potencial de deterioração, sofrimento e destruição que, cada vez mais se realiza.

Ao descrever este processo sei estar ficcionando, montando uma estória que é ao mesmo tempo uma história (ou vice-versa). Estou fazendo uma genealogia e não contando uma história verdadeira (se é que isto é possível). Estou me apropriando com os movimentos de meu olhar e de meu corpo de elementos do mundo à minha volta. Elementos que tanto se encontram no presente quanto no passado e futuro; fisicamente perto e distantes; visíveis e invisíveis; existentes e inexistentes. Não se pretende, com estes elementos, conseguir uma história cronológica ou um discurso

regrado; tenciona-se, isso sim, lidar com a dor da existência para que, não fugindo da vida, possamos vivê-la todos os dias e o dia inteiro. A escolha e disposição destes elementos, nem cronológica nem espacialmente seriada, seguirá o irregular desenho traçado pela vida. Estes elementos do mundo, pensados genealogicamente, mesmo externos e estranhos a mim, me pertencem pois é pelo meu movimento corporal que os faço surgir.

A mudança em curso do paradigma Ocidente torna problemática nossa relação com a vida e portanto com a multiplicidade. Esta relação com a multiplicidade parecia ter sido resolvida quando se a reduziu a uma dicotomia, instituindo-se primeiro a "certa distância" e depois a "distância certa". O mundo acabou por se reduzir a um laboratório onde a vida se congelava na estufa das certezas causais. Excluiu-se a doxa deste laboratório e pos-se na porta e janelas a figura da necessidade - uma guardiã a impedir a entrada do acaso e da eventualidade. Por muito tempo o homem sufocou, feneceu, morreu no laboratório; mas o conservou pois naquele habitat encontravam-se a Verdade e o Poder, imagens que, ao proporcionar segurança e conforto, compensavam o que se perdia em vitalidade, prazer, gozo e força. Tremores sucessivos, progressivamente mais fortes, tornaram o laboratório inseguro. As certezas ficaram abaladas e a eficácia não era mais suficiente para impedir a degradação do homem e do ambiente. Pulando a janela de um laboratório em convulsão o homem mergulhou na vida, nos meios-tons, nas incertezas, nas imprevisibilidades. Perdida a episteme que reinava soberana no laboratório, deparou-se com a doxa da vida, figura mal vista, desprezada, denegrada, e até então desterrada. Obrigado a contragosto a viver o paradoxo sentiu-se desterritorializado: nem possuía mais a pátria antiga, nem tinha ainda encontrado uma nova. Podemos dizer que o homem vivia a "experiência da meia-noite"; uma experiência que cada ser humano pode fazer no recolhimento de sua solidão mais radical desde que a isto se disponha.

"A apreensão da meia-noite é a fulgurante apreensão de um devir, de uma simultaneidade radical, uma experiência indizível de estranhamento".<sup>2</sup>

Usando minha condição de discípulo atrever-me-ei a pensar esta experiência sob duas formas: uma atenuada e outra radical. A primeira como simultaneidade paradoxal e a segunda como absoluto desaparecimento de um tempo cronológico. Se vivemos uma simultaneidade no momento da meia noite estaremos referidos a um tempo que, embora estranho e perturbador, é um tempo que reúne numa paradoxalidade o ontem e o amanhã. O antes e o depois desaparecem como entidades discretas para se juntarem na paradoxalidade da meia noite, produzindo um tempo diferente do cronológico, mas que ainda dele guarda uma sombra, um indício, um tênue

sopro que seja. Se pensarmos no tempo cronológico como uma nave-m\_e, referência organizadora do tempo sideral, um astronauta que ao abandoná-la, vive uma paradoxalidade, conserva de alguma maneira uma vaga idéia de sua existência, mantém um tênue fio abstrato de ligaç\_o, um translúcido e inexistente cord\_o umbilical, digamos. As amarras foram rompidas mas algo impalpável ainda os liga. Diferentemente de um outro astronauta que, expulso da nave-m\_e, perde todas as suas conexões com ela, mesmo as mais inefáveis. Expelido pela nave-m\_e está solto em um tempo

vazio de qualquer referência; nem simultaneidade, nem paradoxalidade encontram-se à vista; o astronauta vê-se lançado em um vácuo onde sofre um angustiante sentimento de destemporalizaç\_o. Talvez seja esta a mais forte experiência da meia-noite, sendo a anterior uma pálida amostra dela. É-me importante falar destas duas formas, pois ficciono ter vivido com diferentes pacientes, ambas experiências. Mas antes de me reportar à clínica quero, mais uma vez, expandir a "experiência da meia-noite", fazendo-a abarcar, como uma síndrome, uma história (e estória) vivida pelo Ocidente. Plat\_o será agora a menç\_o inicial de uma narrativa em três tempos.

No "antes-da-meia-noite" vigora o paradigma sujeito/verdade, recalcado para o lugar do fundamento - portanto inalcançável e indizível - produzindo, à distância, efeitos de causalidade, necessidade, anulaç\_o dos tempos aiônico e cairótico.

Na "experiência-da-meia-noite" perdemos este paradigma e somos lançados em um vácuo temporal: estamos desterritorializados e destemporalizados. Na situaç\_o mais feliz de uma atenuada "experiência-da-meia-noite", podemos viver uma simultaneidade paradoxal: ontem e amanhã\_ sobre-em-se no instante vivido. Na radical "experiência da meia-noite" a simultaneidade e a paradoxalidade desaparecem. Estamos suspensos em um tempo estranho vivendo radicalmente a ausência; sentimo-nos em um vácuo sem fim como o astronauta que, perdidas todas as conexões com a nave-m\_e está à deriva em um estranho, indizível, incompreensível, terrífico tempo sideral. N\_o o espaço-tempo do ano-luz, da cosmologia mas o tempo de lugar nenhum sem início e sem fim.

No depois-da-meia-noite - um momento que aos poucos se afirma - acostumamo-nos a viver a paradoxalidade da vida e finalmente a aceitamos com a dor que ela porta. De uma certa forma, fechamos um círculo, ou melhor, completamos uma espiral, retornando à Grécia Arcaica onde se vivia (isto na nossa história/estória) o paradoxo como uma naturalidade. Desta maneira, a naturalidade, durante séculos privilégio do paradigma sujeito/verdade, estende-se e transfere-se em indecisa e flutuante intensidade à paradoxalidade.

É importante assinalar que a paradoxalidade do depois-da-meia-noite difere da paradoxalidade da atenuada experiência da meia-noite pois nesta o paradoxo é vivido como absolutamente n\_o-natural o que nos faz ansiar por uma naturalizaç\_ão. Um passo mais ousado seria passar a sentir a naturalizaç\_ão como n\_o-natural, naturalizando - e aqui vai um super-paradoxo - o estranhamento. Ficaríamos, assim, sempre atentos às armadilhas do pensamento.

Em 1974 assim escrevi sobre um paciente: "Trata-se de um cliente que chamarei de Jorge. Aproximadamente dois meses antes de nossas segundas férias de análise, Jorge passou a apresentar um crescente fechamento, uma crescente resistência a deixar entrar dentro de si o que eu dizia. Eu falava de seu sentimento de abandono, dele estar me sentindo como mau e rejeitador, dele poder estar fazendo a fantasia de que eu n\_o estava satisfeito com ele, dele estar sentindo o meu afastamento físico como um afastamento psicológico; falei de seu possível medo de que eu n\_o o quisesse mais, de que eu n\_o voltasse; de sua fantasia onipotente de me destruir por eu estar abandonando-o; de seu receio de exprimir a raiva que estava sentindo de mim (Comentário atual: Coloco-me aqui como "interpretador", realizando interpretaç\_ões n\_o-clivadas (Bleger<sup>3</sup>), atuando em um nível que na época chamei de "nível de relaç\_ão transferencial-contratransferencial"). Jorge parecia ficar cada vez mais ressentido e desesperado. Busquei nos meus sentimentos contratransferenciais mais alguma indicaç\_ão do que poderia estar acontecendo. O que estava predominando em mim era um sentimento de impotência. Estaria ele castigando a M\_e-Onipotente por sentir que ela (eu) o estava abandonando? Foi o que lhe transmiti. Nenhum efeito positivo. Ao contrário, ele se encerrava cada vez mais em seu mundo. Finalmente senti que estávamos em dois universos

diferentes, sem possibilidade de comunicaç\_ão. Esta situaç\_ão atingiu o seu clímax na pré-ante-penúltima sess\_ão que antecedeu as férias. Jorge e eu nos sentamos e ficamos longo tempo em silêncio. Eu já n\_ão sabia mais o que fazer. Quando Jorge fala é para declarar sua impossibilidade de se ver por dentro, de tirar seu escudo, pois, se assim fizer, seu caminho natural é o suicídio. Eu compreendo que está sentindo n\_ão poder viver sem a relaç\_ão simbiótica com a M\_e-Analista; compreendo que é preciso que ele me sinta como sua M\_e-Boa e que assim me conserve dentro dele durante a minha ausência. Mas, o que fazer com este conhecimento? Eu já lhe havia falado de seu mundo fantasmático; só havia servido para ele se recolher ainda mais dentro de si mesmo. Eu já n\_ão sabia mais o que fazer. Queria ajudá-lo e n\_ão estava sabendo como. Era preciso ajudá-lo. Mas de que jeito? Pode-se perceber aqui que, diante do meu fracasso, eu passei à posiç\_ão de terapeuta que precisa ajudar ao seu cliente. Eu estava pois passando de um plano paratáxico para um plano sintáxico dentro do nível terapeuta-cliente.....Acabei dizendo: 'Eu tenho muita vontade de te ajudar, mas n\_ão sei como; mesmo isto que estou falando é com medo de te atrapalhar mais do que de te ajudar.' N\_ão era porém ainda o bastante. Jorge percebeu que eu estava no nível de relaç\_ão terapeuta-cliente e me comunicou que necessitava de um outro nível dizendo: 'N\_ão se sinta com compromisso de me ajudar. Fale comigo sem pensar em compromisso'. Passei ent\_ão para o nível que realmente funcionou na situaç\_ão o nível pessoa-pessoa dizendo: 'N\_ão sei nada de compromisso; sinto é que você está sofrendo muito e me dói ver o seu sofrimento sem nada poder fazer'. A esta altura eu estou comovido, o que reforça a atmosfera pessoa-pessoa que passa a predominar na relaç\_ão"<sup>4</sup>.

Comentário: No momento em que n\_ão sei o que fazer, em que quero ajudá-lo sem saber como, vivo a vertigem da perda de referências. Mas é uma perda de referências que ainda mantém uma inefável ligaç\_ão com o paradigma Ocidente. Foi esta situaç\_ão que me levou a ficcionar uma "experiência atenuada da meia-noite". A perda de referências - o período da meia-noite - n\_ão é aqui t\_ão dolorosa e radical pois mesmo no momento em que as perco - em que o fundamento sujeito/verdade está ameaçado - conservo em alguma distante e recôndita regi\_ão de mim mesmo um certo modo-de-estar que logo a seguir permite encontrar um outro lugar de onde

ver e dizer a multiplicidade. Eu simplesmente n\_ó perco o fio que me liga à nave-m\_e, embora naquele momento de desorientaç\_ó e perplexidade eu n\_ó esteja vivendo nenhuma causalidade e nenhum tempo cronológico. Estou vivendo sim, uma paradoxalidade, um ontem e um amanhã\_ ao mesmo tempo, um ontem e amanhã\_ que logo ser\_ó teorizados como níveis de relaç\_ó em sobreposiç\_ó: o "nível de relaç\_ó transferencial-contratransferencial", o "nível de relaç\_ó terapeuta-cliente" e o "nível de relaç\_ó pessoa-pessoa". A aragem do fundamento sujeito/verdade que circula pelos átomos de meu corpo faz com que a perda de referências se dê numa atmosfera de paradoxalidade. N\_ó se perde o ontem mas a ele se acrescenta o amanhã\_ vivendo-se assim uma estranha simultaneidade; o fundamento sujeito/verdade vem à tona n\_ó para ser destruído mas para permitir um duplo movimento: a "distância certa" admite uma outra "distância certa" o que faz com que ambas se transformem em "certa distância" ; as várias "certas distâncias" convivem em uma simultaneidade paradoxal. Agora o fundamento sujeito/verdade, embora vigore, encontra-se exposto, sensível, vulnerável. Logo, uma outra paciente investirá mais dura e diretamente contra este fundamento. O paciente do qual estou no momento falando n\_ó pretendia me destituir da posiç\_ó do analista-que-conhece. Queria apenas que eu (n\_ó ele) encontrasse novos parâmetros terapêuticos. A minha experiência da meia-noite, nesta terapia, está atenuada, pois no momento mesmo em que estou perdido, perguntando com afliç\_ó e sofrimento "que fazer?", mantenho uma expectativa: é possível encontrar uma outra "boa distância" que superposta à "distância certa" anterior, transforma-a e a si mesma em "certa distância" sem deixarem de ser "boa distância". É assim que encontro a relaç\_ó fantasmática transferencial-contratransferencial convivendo paradoxalmente com a relaç\_ó sintática terapeuta-cliente e com a relaç\_ó pessoa-pessoa. Todas elas "certas distâncias" e "boas distâncias". Mas, com tudo isto, começa a ser questionada a validade de meus conhecimentos analíticos, raspando-se a quest\_ó de minha legitimidade como analista. O fundamento sujeito/verdade está agora profanado pela luz do dia e, nesta posiç\_ó de maior vulnerabilidade sua resistência aos ataques que vir\_ó tornar-se-á mais problemática.

O decisivo ataque ao fundamento sujeito/verdade veio de uma paciente psicótica a quem chamei de Ana. A certa altura de nossa relação terapêutica Ana, expressando sua necessidade de uma relação viva, passou a atacar o fundamento sujeito/verdade. Meu conhecimento teórico e minha técnica de 'expert' faziam-na sentir-se um objeto, excluída assim de uma relação verdadeira. Pedia desesperadamente que eu fosse apenas uma pessoa espontânea. Nada de teorias e técnicas; uma absoluta sinceridade, isto sim, a salvaria da prisão psicótica. Bilhete de Ana: "Dr. Nahman, se o sr. gosta de mim - use a **verdade** - sendo o sr. mesmo - eu lhe peço isso - por que pra mim o sr. representa o que nunca conheci - .... Eu preciso do Dr. Nahman **verdadeiro** - com todos os riscos de **me ferir** - não sei **se isso pode fazer parte do doutor** - é certo - eu acredito que sim - com doutor ou sem o pior seria a **falsidade** - Eu posso entendê-lo - fale comigo que eu não sou nenhuma "além da imaginação" - só quando há mistério ou silêncio..."<sup>5</sup>. Este chamamento para uma interação pessoal livre e desinibida alimentava-se do desespero de Ana, de seu desejo de uma vida menos conturbada, da certeza de que somente um relacionamento absolutamente aberto e transparente a salvaria. Eu deixaria de ser um sujeito que sabia a verdade e tanto o sujeito

quanto a verdade flutuavam ao sabor da relação; uma relação não mais apenas de palavras, mas de emoções, sentimentos, movimentos, corpo. Ela propunha uma proximidade que na verdade eliminava o espaço, alterava o tempo e revelava o paradoxo sujeito/verdade. Ela me fazia viver a dolorosa experiência de não ser contemporâneo de mim; eu deixara de pertencer à classe dos analistas; eu não era mais uma pessoa inserida em um contexto social, familiar, histórico; estávamos ali numa relação mítica originária, onde tanto o sujeito quanto a verdade seriam recriados. Ao se eliminar a distância prescindia-se da representação e a interpretação era substituída pela experiência covivencial: "Uma diferença essencial entre a segunda e a terceira fase, faz-se imediatamente notar. Como já ficou registrado, a ameaça de rompimento da relação simbiótica gerava em Ana raiva ou indiferença; estes sentimentos não penetravam diretamente dentro do analista. Ficavam como que colocados em um espaço intermediário e, a partir daí, eram percebidos e sentidos. Não tal ocorreu na terceira fase. Ana não sossegou enquanto não

conseguiu me tirar da posiç\_ão de serenidade terapêutica. Para isto recorreu a inúmeras, variadas e complexas técnicas; conseguiu finalmente eliminar o espaço-tempo existente entre nós; suas palavras, atitudes, emoç\_ões podiam agora me atingir dentro. Desaparecia o espaço intermediário protetor"6. Nem "distância certa", nem "certa distância"; embora ladeados pelo espaço-tempo da cultura ocidental vivíamos, no parêntesis do consultório um tempo n\_ão cronológico, uma duraç\_ão. Pensar deixava de ser representar para ser movimento, co-moç\_ão. Mas foi preciso percorrer um caminho para aí chegar. Com Jorge o questionado n\_ão é o fundamento sujeito/verdade. Jorge pretende manter o analista como um sujeito capaz de dizer uma verdade. Pretende, pois, manter uma distância entre analista e analisando, uma distância que exige a presença da representaç\_ão. Só n\_ão lhe agradava a "verdade" que vinha sendo dita pelo analista. Tratava-se de uma verdade aparentemente despida de afeto e para Jorge era fundamental que o amor estivesse presente na verdade que lhe era dita. N\_ão podia ser uma verdade qualquer; tinha de ser uma verdade amorosa; mas ao mesmo tempo esta verdade amorosa deveria ser dita por um analista reconhecido como tal pela sociedade à qual pertencia. Desta maneira a dicotomia neutralidade/amor transforma-se em uma simultaneidade, em um paradoxo. Um paradoxo ainda vivido em termos de proximidade/distância; o espaço é ainda o recipiente onde os eventos acontecem. Já Ana faz desaparecer o espaço questionando o próprio fundamento sujeito/verdade, obrigando-me a sair de minha posiç\_ão protegida de observador e lançando-me na multiplicidade, no pensamento/corpo/movimento, na paradoxalidade vida/laboratório. A multiplicidade e a vida eram verdadeiramente vividos mas dentro do espaço do laboratório analítico; eu estava assim radicalmente numa fenda aberta entre dois mundos, e palidamente no ponto de superposiç\_ão destes mundos. Em 1980 assim descrevi o processo de convers\_ão que Ana propiciou: "Minha atitude analítica fazia-a sentir-me falso, hipócrita, escondendo o que pensava e sentia. Pedia-me insistente e dramaticamente que expressasse o que sentia a seu respeito, que reagisse espontaneamente sem me apegar a regras psicanalíticas. Sua expectativa era de que, ao permitir eu fluírem as minhas

emoções sem um controle normativo, viesse a fazer uma relação amoroso-erótica de tipo simbiótico-infantil com ela. Esta sua expectativa existia por não levar em conta a realidade mais global, a sua necessidade de ajuda terapêutica, a minha situação como psicanalista e como pessoa inserida em um contexto social. Estes aspectos que ela não vivenciava, embora os conhecesse intelectualmente, estavam vivamente incorporados em mim. Confiando, pois, no meu sentido de realidade e vencendo grandes resistências internas, terminei por aceitar o desafio, renunciando parcialmente ao aspecto normativo da psicanálise e passando a agir mais espontaneamente. Enquanto que para Ana a nossa relação era praticamente tudo, toda a sua vida e esperança, para mim era parte de uma realidade maior, tendo certas relações qualitativas com o resto de minha vida. Aceitei, pois, como disse, a sua proposta. Falei de minha raiva dela, de meus sentimentos eróticos, de meus sentimentos ternos, etc. Isto levou-a a atuar ainda mais os seus impulsos. Diante destas atuações, evitei realizar intervenções baseadas no meu conhecimento teórico, que só a desesperavam. Resolvi confiar nas minhas emoções e sentimentos, especialmente aqueles ligados à minha sobrevivência como pessoa e como profissional. Eu tinha a convicção de que nem minha agressividade, nem meu afeto ultrapassariam os limites que a terapia impunha. Tinha a certeza de poder sempre manter na mente o *objetivo terapêutico psicanalítico*. Respondi positivamente ao seu pedido de espontaneidade para que ela pudesse perceber que ser espontâneo não significava simplesmente dar vazão a todo e qualquer impulso com toda a sua intensidade. Eu queria que ela vivenciasse a existência de um controle não-normativo dentro de mim para que pudesse desenvolver, pela via de identificação primária, um sentido maior de realidade, saindo da fantástica simbiose que imaginava para nós dois. Quando a sua atuação chegou ao que eu senti como ultrapassando os limites de minha tolerância, aproximando-se perigosamente da fronteira daquela zona de segurança representada pelo objetivo terapêutico da relação, a situação mudou. Sua agressão e sedução agora me ameaçavam; por vezes ela parecia uma sereia querendo arrastar-me para o abismo da fusão perfeita. E então tive medo; um medo autêntico que me levou a frustrá-la; a frustração que eu lhe impunha não mais poderia ser chamada de artificial: sem dúvida nenhuma era espontânea. Desencadeou-se nela então uma raiva primitiva, transformando

aquele ser franzino e aparentemente frágil em um tigre dotado de força, paixão, determinação. Chegou a minha vez de sentir um medo primitivo; e foi justamente este medo primitivo que emprestou uma convicção irrecusável a minha contenção da situação. O meu grito de "Pára com isso" tinha agora a força das paixões mais primitivas"<sup>7</sup>.

Ana não admitia que nenhuma distância se interpusesse entre nós. E eu terminei por compreendê-la. Para viver a multiplicidade é preciso estar imerso nela; pois, a mínima distância é sentida como um afastamento insuportável, provocador de uma esclerose do fluir de emoções e fantasias. Desfiz-me assim, respeitando o "timing", do jogo aproximação-distância, e me perdi na multiplicidade Ana. Como se pode observar no relato clínico, houve momentos em que esta ausência de distância tornou-se

intolerável, quando então restabelecia-se um espaço, uma distância, novamente vigorando um jogo de aproximações-afastamentos. Havia, porém, outros períodos em que o espaço desaparecia, só restando o tempo como um meio no qual nos movíamos.

Se pretendemos ao mesmo tempo conhecer objetos quase-fixos e quase-imutáveis - os assim chamados objetos inanimados - não poderemos nos colocar junto a eles. Sendo a sua ação sobre os nossos sentidos, constante e monótona, ao permanecermos junto deles no mesmo plano da *physis* e portanto com eles confundidos, deixamos de ser afetados, tornando impossível o seu conhecimento. Já os seres vivos, em permanente movimento, nos afetam a cada instante; nossa permanência junto a eles não poderia, de maneira alguma, ser denominada de monótona, pois em cada momento acontece um novo estímulo, obrigando-nos a um conhecimento que passa por todo nosso corpo. Se então estamos diante de objetos não-vivos é preciso que deles nos afastemos para a partir de certa distância vê-los e dizê-los. Impõe-se, predominantemente, uma perspectiva externa, espacial. Fazemos um movimento de recuo para abarcar (reunir) estes objetos quase-estáticos. Saímos da multiplicidade e encontramos a mínima distância que permite concomitantemente conhecer e partilhar. Esta é a "certa distância" que logo se transformará em "distância certa". Porém, em se tratando de seres vivos em constante movimento e transformação, qualquer espacialidade interposta entre observador e observado alterará a

qualidade da relação. Se um analista se afasta de seu analisando para observá-lo em sua multiplicidade estará transformando a relação singularidade/singularidade em relação sujeito/objeto, estará imobilizando um ser em transformação, desconsiderando a sua essência, retirando vida do relacionamento. Um micrométrico afastamento já produz este efeito; para evitá-lo torna-se necessário abandonar a espacialidade. Ainda mais que, diante de um ser vivo que se move e se transforma, a mínima demora no ponto escolhido como o lugar da "certa distância", fará com que a verdade dali vista e dita não mais encontre o ser vivo movente. A multiplicidade do ser humano acontece não num plano espacial mas num plano temporal, exigindo do analista não um afastamento no espaço, mas uma dança no tempo, um saltarelo, um saltarilhar, um ritmo. Sai-se então da ordem do espaço e entra-se na ordem do tempo; o analista poderá então sintonizar as suas moções com as do analisando. Neutralizando o espaço (operação inversa à realizada pelo paradigma Ocidente) o tempo manifesta-se em toda sua pujança. O fluir ganha ímpeto e em um primeiro momento o tempo iônico domina por completo a cena analítica.

A situação analítica, que já nos obrigou a prescindir do espaço, ensina-nos a viver a multiplicidade sem nela nos perdermos. A operação desespacializante é solidária à perda do fundamento sujeito/verdade. A perplexidade e desorientação seqüente só se atenua quando a dissolução deste fundamento permite o aparecimento de duas outras referências: o desejo de sobrevivência pessoal e social e o objetivo terapêutico psicanalítico. Se relermos o último trecho concernente ao tratamento de Ana, lá encontraremos o aparecimento destas referências, destas linhas de atração; por acreditar na

possibilidade de um pensamento/corpo-ação pude renunciar ao pensamento representacional, desistindo de interpretar e deixando-me engolfar pela paciente, vivendo assim não mais no espaço da representação, mas no tempo da multiplicidade. Só pude fazer isto por me sentir impregnado pelo objetivo terapêutico da relação e por confiar no meu mais profundo desejo de sobrevivência pessoal e social. Foi um entranhamento garantido por estas duas forças mantenedoras de minha identidade de psicanalista e pessoa. Elas participavam das minhas ações e sentimentos na terapia. Não eram referências teóricas, externas a mim, mas referências imanentes

que pertenciam ao cerne de minha individualidade, de minha identidade. Imerso na multiplicidade, estes dois pontos de resistência luminavam, ecoavam, impedindo minha desorientaç\_ão e desintegraç\_ão. Tudo fluia, tudo se transformava, mas estas luminescências, estas sonoridades, persistiam. N\_ão que n\_ão acompanhassem o devir; arrastadas pelo fluxo do tempo, ainda assim a ele se impunham; mas ao mesmo tempo, levadas de rold\_ão, sofriam deformaç\_ões que, por serem elásticas, n\_ão eram definitivas.

Poderia parecer estar havendo simplesmente a substituiç\_ão de um fundamento por outro. Há, no entanto, diferenças evidentes. O fundamento exerce efeitos à distância sendo ele próprio inalcançável e indizível. O fundamento só se dá na espacialidade, sendo o recalçamento do tempo uma de suas origens, um de seus efeitos e um de seus sustentáculos. O fundamento n\_ão flui; pelo contrário, como um rochedo, permanece fixo, e como um Rei Midas estatua tudo que toca; seus tentáculos geometrizam o devir, imobilizando-o nas figuras da necessidade, causalidade, método. O objetivo terapêutico e a sobrevivência que doravante chamarei de insinuâncias para distingui-los de fundamento pertencem ao tempo e n\_ão ao espaço, n\_ão est\_ão recalçados, n\_ão inibem o devir - ao contrário, o acompanham - e n\_ão produzem figuras à distância que os representem. Podemos pensar na sobrevivência como uma vibraç\_ão constante dos tecidos, da mente, dos órg\_ãos, células, moléculas, produzindo um som insinuante que banha os aconteceres insistindo em/com sua frequência e nela perseverando apesar de todos os ataques que os aconteceres lhe possam fazer. Já o objetivo terapêutico pode ser figurado como uma claridade que, lançada pelo sentimento de identidade social no campo psicanalítico, insinua-se, difunde-se pelos aconteceres. Afetado por estes mesmos aconteceres, o sentimento de identidade social maneja um diafragma que ora obscurece, ora clareia o campo psicanalítico.

Estas insinuâncias acrescentam ao tempo iônico um tempo cairótico, o tempo de um evento que vibra ao som e à luz destas insinuâncias. A intervenç\_ão do analista será sempre um possível aberto a eventualidades transparentes à luminescência e à sonoridade do objetivo terapêutico e da sobrevivência.

Abdicando de nosso conhecimento, defrontamo-nos, no tratamento psicanalítico, com o tempo iônico. As oportunidades de afecção, moduladas pelo objetivo terapêutico e pela sobrevivência, introduzem um tempo cairótico. Com o decorrer da terapia, impõe-se à percepção uma repetição diferencial. Para dar conta desta percepção não vejo como não sinalar um outro tempo que se acrescenta aos dois anteriores: o tempo em espiral.

Relendo o último parágrafo ficou-me a impressão de que nele falava um atavismo de 24 séculos; a idéia de Verdade fez com que eu me expressasse como se estivesse dizendo-A. E, no entanto, trata-se de uma ficção construída a partir de minha perplexidade e de meu mal-estar. Não pretendi, pois, descrever fases de um processo realmente, verdadeiramente acontecido, mas fazer uma genealogia que, partindo da dor, permitisse-me melhor conviver com ela.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- 1- Notas das aulas do Prof. Márcio Tavares d'Amaral ministradas no curso "Genealogia do Tempo" no 1º semestre de 1992.
- 2- Prof. Márcio Tavares d'Amaral- comunicação transmitida em aula do curso ibid.
- 3- Bleger, J.- *Simbiosis y ambigüedad*. Buenos Aires, Editorial Paidós, 1972.
- 4- Armony, N. (1975)- *Psicanálise: da interpretação à vivência compartilhada*. Rio de Janeiro, Editora Universitária Santa Úrsula, 1989, pgs. 27/28.
- 5- Ibid (1980), pg.42.
- 6- Ibid, pg.41.
- 7- Ibid, pgs. 44/5.